

A FAMÍLIA E A CONSTRUÇÃO DOS LIMITES NA INFÂNCIA

Alexsandra Santos de Jesus Silva

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo apresentar a importância do papel da família na imposição de limites para a criança, enfocando a influência dos pais na educação do filho e a necessidade de atribuir limites para a criança desde os primeiros meses de vida. Busca-se esclarecer o quanto a participação da família pode ser indispensável na caminhada da educação e na busca de novos horizontes. Importante enfatizar ainda, quais são os limites e suas definições, tendo em vista a variação comportamental e o poder da família e da escola sobre a educação da criança, tendo como regras, normas de conduta que devem ser passadas para o menor desde a mais tenra idade, possibilitando maior equilíbrio quanto ao seu desenvolvimento moral, psíquico, afetivo, cognitivo, organizando desde cedo suas relações sociais. Para a construção deste artigo foi realizada a pesquisa bibliográfica, tomando como base obras relacionadas ao tema, que serviram para analisar a acuidade da família e a cominação de limites para a educação do infante, apresentando assim, alguns pontos cruciais relativos à imposição de limites na infância.

Palavras-chave: Criança. Família. Educação. Limites.

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz uma abordagem sobre a importância do envolvimento dos pais no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, tendo-os como mediadores e condutores de práticas educativas que possam motivar maior absorção de aprendizado no menor. A escolha deste tema é motivada por inúmeras razões de ordem social, política, econômica, educacional, etc. Todavia, levando em consideração a situação da educação no País, torna-se indispensável o acompanhamento dos pais no aprendizado do menor, aprimorando assim, o acréscimo em nível de aprendizado, enfatizando ainda, o desenvolvimento moral, psíquico, cognitivo e social da criança.

Ao impor regras, os pais preparam as crianças para a vida real, onde nem tudo acontece do jeito e na hora que se quer. Os pais, ao realizar todos os desejos dos filhos, estarão criando seres egocêntricos e exigentes.

É na convivência familiar que a criança começa a desenvolver a educação, psíquico, moral e social. É a família quem educa e acompanha o desenvolvimento dos filhos em toda sua trajetória enquanto criança e adolescente. Como assim dispõe a Constituição Federativa do Brasil, é dever dos pais com analogia à família acompanhar e educar o menor desde os primeiros anos de vida, não priorizando assim tão somente o papel de pai e mãe, mas buscando uma relação afetiva além da convencional. O casal deve dar a atenção necessária para os filhos, priorizando também um tempo para a privacidade a dois.

Este trabalho foi elaborado através de pesquisa bibliográfica, tomando como base obras relacionadas ao tema, que serviram para analisar a importância da família na educação. A pesquisa bibliográfica consiste no levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que é assumido como tema de pesquisa científica (RUIZ, 1996, p.58). Dessa forma, o desenvolvimento deste trabalho está fundamentado em autores como Araujo (2005), Maldonado (1984), Tiba (2005), Zagury (2003) e outras fontes variadas, que facilitaram a concretização do mesmo. Inicialmente, a pesquisa esta voltada para compreensão do papel da família na educação dos filhos. Será analisada a importância da imposição de limites

para a criança dentro do meio familiar. Este artigo pretende proporcionar algumas reflexões que sirvam como base para os estudantes de pedagogia e demais interessados nos estudos relacionados ao papel da família na educação das crianças, promovendo assim, mais conhecimento e conscientização sobre o tema.

A temática em análise enfoca o papel da família na educação das crianças e a importância da participação dos pais no desenvolvimento infantil, analisando também quais procedimentos e regras que devem ser utilizados e impostos pelos pais para proporcionar um melhor desenvolvimento e a socialização da criança. De acordo com Araujo (2005), já nos primeiros meses de vida, a educação emocional da criança deve ser desenvolvida pelos pais com uma relação afetiva sadia e benéfica. Para Tiba (2002), a educação familiar é necessária durante toda a vida do indivíduo, independente da era em que se está inserido, pois, mesmo que os filhos conheçam outros conhecimentos e valores, levarão dentro de si um pouco mais do que aprenderam com seus pais na convivência familiar.

Abordar a temática sobre a importância da família no processo de educar é abrir um caminho para muitas reflexões, pois o ambiente familiar é o primeiro e mais significativo para a interiorização de valores, criação de hábitos e aprendizagens variadas da criança (TIBA, 2002).

FAMÍLIA: “O BERÇO DA EDUCAÇÃO”

É na convivência familiar que o ser humano começa a falar, a caminhar e, sobretudo, a distinguir o certo e o errado. É nesse convívio que começamos a desenvolver nossa primeira educação informal, ou seja, aprendemos nossas primeiras palavras com nossa família, ela nos ensina e nos encaminha para enfrentar os obstáculos da vida. É quem educa e acompanha o desenvolvimento dos filhos em toda trajetória, principalmente quando criança e adolescente. A Família é a primeira instituição da sociedade. Pois é nela que conhecemos o nosso primeiro amor, os nossos primeiros hábitos e nossos primeiros aprendizados é, sem dúvidas, a nossa primeira escola.

Para Maldonado (1984), educar consiste, principalmente, na possibilidade dos pais crescerem junto com os filhos, respeitando e acompanhando a trajetória que vai da dependência quase total do bebê, para a crescente autonomia e independência do filho adolescente ou adulto. Observa-se que os primeiros passos de vida humana são acompanhados e ensinados pela família. Essa missão é árdua, e acompanha as diversidades de oportunidades que pode levar o ser humano a mudar constantemente sua conduta. Educar filhos é uma tarefa complexa, onde cada nova etapa do desenvolvimento da criança é um desafio à criatividade e à flexibilidade dos pais, que exige mudança de padrões de conduta e de atendimento às necessidades e solicitação do filho.

A Constituição Brasileira, promulgada em 5 de outubro de 1988, no Artigo 205, explicita que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), em seu Artigo 2º, estabelece que “a educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A própria Lei atribui à família a responsabilidade de educar primeiro que o Estado, colocando-se em segundo plano quanto à responsabilidade.

“Como os primeiros passos da grande caminhada pela humanidade começam na família, é nela também que se pode aprender a ser progressivo ou retrógrado” (TIBA, 2005, p.139). A família é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, independente de sua formatação, é no meio familiar que a criança tem seus primeiros contatos com o mundo externo, com a linguagem, a aprendizagem e aprende os primeiros valores e hábitos. Essa convivência é fundamental para que a criança se insira no meio escolar sem problemas de relacionamento disciplinar, entre ele e outros.

De acordo com Araujo (2005), a educação emocional da criança começa nos primeiros anos de vida, por isso é uma fase importante para o seu desenvolvimento, dependendo quase que exclusivamente dos pais. Criar filhos é como entrar em uma aventura com muitos obstáculos, onde a família deve desviá-los com sabedoria e habilidades, algumas famílias conseguem passar por esse desafio, outras não, e

acabam fracassando, e com isso vem à decepção, a mágoa e a tristeza de todos envolvidos.

Para Araujo (2005), a aprendizagem dos filhos deve ser como uma via de mão dupla, de um lado filhos aprendendo com os pais, do outro, pais também aprendendo com seus filhos, sendo assim pais educadores de seus filhos que são os mais indicados para ensinar valores e princípios para enfrentar o mundo. “É dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para, num futuro próximo, ter saúde social”. (TIBA, 1996, p.178).

A família deve oferecer a criança um ambiente estável e amoroso, mas infelizmente muitas não conseguem, devido a questões econômicas, sociais, dentre outras. Portanto criar os filhos não significa torná-los perfeitos, pois os pais têm muitas dúvidas e estão sujeitos a muitas falhas, mas é necessário tentar identificar os conflitos e desfazê-los, aprendendo a conviver com essa situação. A família deve prestar muita atenção quando os filhos apresentarem dificuldades escolares relacionadas à falta de concentração e indisciplina que podem ser causadas pela ausência de limites.

Segundo Tiba (2005, p. 130), “A educação é um processo continuado e dinâmico. Portanto, nunca é tarde iniciar o projeto educativo, se a meta é transformar o filho num cidadão progressivo. Para isso, os pais também têm que ser progressivos.”. Além disso, como afirma Maldonado (1984), a própria estrutura da família tem passado por alterações radicais, principalmente no que se refere à distribuição de tarefas para o homem e para a mulher: o homem envolvido com tarefas domésticas e a mulher envolvida em atividades fora do lar a fim de contribuir para a renda familiar ou para realizar-se profissionalmente. Hoje, tanto o pai como a mãe pouco dispõem de tempo para acompanhar a educação de seus filhos, pois o próprio sistema econômico obriga que ambos deixem suas casas para trabalharem e cumprirem com as tarefas financeiras, como também procurando investir no ensino sistematizado de seus educandos. Mas, é dever tanto do pai como da mãe o acompanhamento de seus filhos na educação informal e formal. Apesar da divisão das funções entre homem e mulher na convivência com os filhos, os dois têm responsabilidade na educação. (TIBA, 2005).

A IMPOSIÇÃO DE LIMITES NA INFÂNCIA

Os primeiros meses de vida são muito importantes para a educação da criança, pois é nesse momento que os pais devem manter uma relação afetiva benéfica para o filho, preparando-o para o futuro. É natural que o bebê queira a atenção dos pais e chore para obtê-la, mas isso faz parte do seu desenvolvimento e processo de aprendizagem. Depois do terceiro mês da criança, os pais devem retomar a vida de casal e passar a fazer algumas atividades juntos. Podem deixar o bebê com a avó ou a babá e sair para dar uma volta. Esse será o primeiro limite de vários que os pais deverão estabelecer. A criança assimila esse ritmo sem muitas dificuldades e se torna flexível. Mas adiante a tolerância já vai ser maior e ela é capaz de suportar a frustração por não atenderem algum desejo seu de imediato.

Segundo Zagury (2003), colocar limites é um modo de ajudar a criança a modificar o seu comportamento, sem prejudicar a sua auto-estima. A compreensão e a firmeza dos pais, na contenção de condutas inadequadas, junto com o aumento da maturidade e da capacidade de autocontrole da criança, resultam em uma gradual substituição das ações impulsivas e inaceitáveis por condutas adequadas.

“No momento em que os pais resgatam sua relação como casal, fica estabelecido para o filho que ele é o terceiro membro daquela família – e não o centro do universo”. (ARAUJO, 2005, p.31)

Nem todos os pais retomam o ritmo depois do nascimento do filho. O papel dos pais deve ser exercido por eles. Mas esses não são os únicos na vida do homem e da mulher, pois devem dar atenção as outras obrigações de suas vidas. “Não se deve fazer de um único papel a identidade principal de uma pessoa. Isso é ruim para o homem e para a mulher, mas pior ainda para a criança, pois ela cresce sem um modelo de casal, o que lhe fará muita falta mais tarde”. (ARAUJO, 2005, p.32). Quando o homem e a mulher cumprem apenas o papel de pai e mãe, a criança tornar-se o centro das atenções. Os pais passam a não ter mais relacionamento e tudo fica voltado para a criança.

Segundo Araujo (2005), para impor limites é preciso fazer com que se estabeleça um relacionamento a três, pois esse será o modelo de casal que a criança terá como espelho para desenvolver o seu próprio relacionamento social e

afetivo. Caso contrário, a criança sofrerá mais ao longo do seu desenvolvimento e terá dificuldade de ser o terceiro elemento de uma relação com os colegas, relacionando-se apenas com um único amigo. Quando a criança torna-se adolescente, a tendência é querer ter uma relação de exclusividade no relacionamento com o namorado. O adolescente que só se relaciona com uma pessoa tem um sentimento de posse, e não de partilha. Por isso é que pai, mãe e filho devem ter um relacionamento em triângulo. A criança deve ver nos pais um modelo de par que não existe em função dela. Ninguém precisa viver em função do outro, e isso deve ser ensinado desde cedo.

A definição dos papéis desempenhados pela mãe e pelo pai se torna ainda mais complicada quando levamos em conta a diversidade da família moderna: assim como há pais que dividem com a esposa a tarefa de cuidar das crianças, existem mães e pais que criam os filhos sozinhos (ARAUJO, 2005, p. 36).

A família deve preparar a criança para ser um adulto equilibrado, sadio, que saiba se cuidar e se relacionar com o mundo ao seu redor. A relação entre os pais e o filho deve ser cheia de trocas afetivas e intelectuais, onde um aprende com o outro. O pai e a mãe precisam saber se colocar no lugar do filho para entender seus sentimentos e necessidades. A criança cria dentro de si a figura dos pais, obtendo a representação daquilo que ela quer ser quando crescer. É preciso compreender que a tarefa de educar envolve não só o relacionamento com a criança, mas também o relacionamento consigo mesmo; quanto mais saudável for a relação do pai ou da mãe com a sua própria criança interior, melhor será o relacionamento com o seu filho. “Um adulto que permite a expressão da sua criança interior, que em parte é a criança que ele próprio foi um dia, interage muito bem com o filho. Torna-se um grande companheiro da criança na descoberta do mundo” (ARAUJO, 2005, p.37). Para a criança isso é fantástico. A empatia entre pais e filho acontece de forma natural e passam a ter uma relação confortável, contribuindo para tornar a vida do pequeno mais prazerosa.

A CRIANÇA, SEUS LIMITES E A ESCOLA

Viver em sociedade possibilita a construção de regras que se modificam de acordo com os grupos sociais e culturas. Sendo assim, os limites variam em diferentes comunidades. Na educação o limite pode ser entendido e considerado de maneira diferente. O limite também é visto como algo negativo, que prende, levando ao afrouxamento dos limites, além de causar insegurança nos envolvidos. Esta ação pode provocar uma dependência exagerada, descompromisso, falta de metas e uma frágil construção de elementos indispensáveis para aumentar ou diminuir os limites que já estão sendo pouco percebidos. (BARBOSA, 2009).

Impor limites, também, é fazer com que a criança compreenda que seus direitos acabam onde começa os direitos dos outros; dizer sim, sempre que possível, e não sempre que necessário; mostrar que muitas coisas podem ser feitas e outras não; ensinar a tolerar pequenas frustrações, no presente, para que, no futuro, os problemas da vida possam ser superados com equilíbrio e maturidade. Muitos pais pensam, erroneamente, que impor limite é bater nos filhos, para que eles se comportem; ser autoritário; deixar de explicar o “porque” das coisas, apenas impondo “a lei do mais forte”; gritar com as crianças para ser atendido; invadir a privacidade a que todo ser humano tem direito etc. (ZAGURY, 2003).

A falta de limites, segundo Zagury (2003), tende a desenvolver um quadro de dificuldades que vai se instalando passo a passo: descontrole emocional, histeria, ataques de raiva; dificuldade crescente de aceitação de limites; distúrbios de conduta, desrespeito aos pais, colegas e autoridades; incapacidade de concentração, dificuldade para concluir tarefas, excitabilidade, baixo rendimento; agressões físicas se contrariado, descontrole, problemas de conduta, problemas psiquiátricos, nos casos em que há predisposição.

A criança que não aprende a ter limite cresce com uma deformação na percepção do outro. Só ela importa o seu querer, o seu bem-estar, o seu prazer. A falta de limites, também, gera angústia e incerteza, que pode levar a um comportamento inadequado; este, por sua vez, gerará mais angústia e também culpa, revolta, sensação de impotência e, talvez, agressividade. Mas, antes de impor limites, os pais deverão tê-lo, caso contrário serão péssimos exemplos aos filhos.

Segundo o dicionário Michaelis, limite é o ponto máximo que qualquer coisa não pode ou não deve ultrapassar, e a partir desse ponto, precisamos olhar ao redor e analisar quem ou o que vai ser afetado com o excesso de limite, e com certeza esse excesso terá conseqüências. Para Barbosa (2009), o limite também pode ser visto como uma delimitação rígida. Por isso, muitas pessoas são educadas para submissão do limite, pois ele serve como referência.

Os limites também fazem parte da formação da criança, não só em termos de quais seriam os comportamentos apropriados ou não, em uma situação; mas, também, em relação aos valores que, futuramente, vão nortear suas decisões, sobre o que é certo ou errado. Porém, essa tarefa não é fácil, porque exige que os pais estejam seguros do que estão fazendo, ajam de forma coerente com aquilo que dizem e cumpram com as promessas que fazem; por isso, vale à pena investir no diálogo com as crianças e adolescentes, para que educar deixe de ser um fardo difícil de ser carregado e passe a significar uma relação prazerosa entre pais e filhos (ZAGURY, 2003).

No capítulo IV, Parágrafo Único, o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que, “É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”. Ou seja, trazer as famílias para o convívio escolar está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente. Pais que acompanham o desenvolvimento dos filhos e participam na escola, contribuem no desenvolvimento da criança. É essa união que faz a força e a diferença no ensino. Sem dúvidas, a parceria família e escola é fundamental para o sucesso da educação do indivíduo.

O professor não deve ter mais a mesma atitude de antes, onde ele falava e os alunos apenas reproduziam com o silêncio, sendo um dos limites. A escola deve trocar o silêncio opressivo pelos debates, questionamentos, contra-argumentações e pelas relações estabelecidas entre professor e aluno. O professor deve ser um articulador e os limites da sala de aula devem estender-se para a comunidade. É preciso ter como princípios educacionais a solidariedade e a consciência. A escola precisa trabalhar em grupo, construir e apropriar-se do conhecimento coletivo, discutindo sobre a sua pertinência. Os limites na educação da criança devem estar ligados à convivência, solidariedade, comunicação, solução de problemas e a capacidade de amar e de produzir em uma cultura. (BARBOSA, 2009).

É característica da criança que seu desejo seja ilimitado, com fantasias de tudo querer e de tudo poder. Só com o desenvolvimento, com a ajuda do adulto e tendo limites, é que a criança pode ir aprendendo a restringir certas vontades, a trocar uma coisa por outra, a aceitar que existe uma hora para cada atividade e que, mesmo que algo seja prazeroso, em certo momento pode precisar ser deixado de lado e substituído por outra coisa; mas, é fundamental que pais e professores também possam aceitar os limites e as frustrações da vida, considerando os aspectos da realidade, ou seja, possa compreender que frustrar o filho (dar limites) não é ser “mau”, e sim, dar-lhe proteção e cuidado. Se isto não está sendo possível, as “regras” de como educar acabam falhando (ZAGURY, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa acerca do papel da família na imposição de limites para a criança pode abrir novos questionamentos sobre a verdadeira função dos pais para o desenvolvimento e educação do filho, sendo um importante indicador de aspectos que podem ser melhorados, a fim de proporcionar uma reflexão sobre a importância da família e de sua participação moderada e adequada na educação e nos cuidados com a criança.

Existe a necessidade de se estabelecer limites à criança para que ela tenha um ponto de referência e possa organizar-se, sabendo até onde pode ir. Há limites necessários no âmbito da concretude da vida, os quais têm por objetivo proteger a criança e desenvolvê-la para relacionamentos futuros. Estabelecer limites ajuda a criança a perceber que ela não é o centro do mundo. A participação dos pais no processo educativo é de fundamental importância para combater a falta de limites.

Assim, o desafio colocado para a família é o de construir uma ação educativa, na maioria das vezes, limitada pelas vivências e experiências sociais, afetivas, cognitivas, motoras e estéticas. Levando-se em consideração a importância dos pais na educação de seus filhos, objetivando prepará-los para a realidade, certamente o comportamento familiar contribuirá no desenvolvimento de cada ser, dependendo da forma como serão educados.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ceres Alves de. **Pais que educam: uma aventura inesquecível**. São Paulo: Editora Gente, 2005.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia: um diálogo entre a psicopedagogia e a educação**. 3ª ed. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069 de 13 de julho 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394. Brasília, 1996.

MALDONADO, Maria Tereza. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. Petrópolis: Vozes, 1984.

MICHAELIS: **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

TIBA, Içami. **Adolescentes: quem ama educa!** São Paulo: Integrare Editora, 2005.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa**. 2ª ed. São Paulo: Gente, 2002.

ZAGURY, T. **Limites sem trauma**. 57 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.